

BEM-ESTAR

A potência da escola para o enfrentamento
dos desafios pós-pandemia



Em busca do bem-estar: novas lentes para compreender melhor e agir na direção correta

Sonia Barreira – Diretora Pedagógica da Bahema Educação

Ao longo dos meses de agosto e setembro, as famílias e educadores das escolas da Bahema Educação puderam pensar melhor sobre o momento que nossas crianças e jovens estão vivendo, utilizando novas lentes de análise oferecidas durante o Ciclo de Palestras promovido pelo Centro de Formação da Vila.

Como sabem, as escolas têm enfrentado grande número de adoecimento de jovens, falta de procedimentos de convívio coletivo por parte dos menores e muitos episódios de mal-estar na comunidade. Tudo isso tem nos preocupado bastante, levando à principal motivação para a realização desse Ciclo: aprofundar nosso entendimento sobre essas questões.

Ao lado deste processo de enriquecimento da análise, nossas escolas exploraram novas formas de dar sentido à experiência escolar vividas pelos alunos e alunas. As assembleias de classe foram intensificadas, os passeios, trabalhos de campo e exploração de espaços além dos muros da escola foram retomados, eventos culturais que dão voz aos estudantes ganharam os palcos, praças e pátios dessas instituições.

Este esforço coletivo é a expressão do empenho de todos para recuperar o bem-estar dos envolvidos na cena educacional, o sentido das aprendizagens e a relevância do

convívio entre os pares. Educadores e familiares, superando seu próprio mal-estar, se envolveram na construção de cenários promissores e de experiências potentes para a construção de vínculos diversos. Os resultados são evidentes. O segundo semestre começa, nas escolas, mais alegre, menos tenso, com mais engajamento dos jovens e crianças nas propostas de ensino e na retomada de suas amizades.

Este foi o foco principal da palestra de Catarina Carneiro Gonçalves, que nos estimulou a pensar a escola como o espaço mais importante da contemporaneidade para a constituição dos sujeitos, em ambiente seguro e com mediação profissional. Catarina trouxe à tona a relevância dos conflitos e desentendimentos entre as crianças no processo da compreensão das normas e regras, no contato com outras visões de mundo, no entendimento do outro e na construção da cidadania.

Em seguida, pudemos ouvir Rinaldo Voltolini, reforçando a ideia de que o ócio contemplativo é motor da aprendizagem e das possibilidades de exploração do desconhecido. Caracterizar a experiência escolar como uma aventura

nos ajudou a ver a importância de manter a curiosidade infantil sempre valorizada, as ideias espontâneas sempre escutadas e as hipóteses e teorias sempre consideradas. Não é tarefa fácil quando se tem um currículo todo para ser concretizado, mas é um desafio a ser enfrentado de modo incansável e determinado. A escola precisa fazer sentido!

Na terceira apresentação do Ciclo de Palestras, André Trindade nos lembrou dos corpos, nem sempre vistos e considerados elementos fundamentais do bem-estar. Motivou as escolas a abrirem tempo e espaço em suas programações para incentivar o corpo ao movimento, em contextos expressivos e relacionais. Desafiou também as famílias para uma percepção mais atenta desses corpos em desenvolvimento, lembrando sempre do necessário convite estímulo para o afastamento das telas e redes sociais.

A construção da identidade na adolescência foi o tema analisado por Christian Dunker, jogando luz sobre os impactos do isolamento social nesse processo. Em casa, os jovens tiveram pouquíssimas oportunidades de convivência, o que os levou a procurar ainda mais referências na internet, que hoje alimenta e é alimentada pela lógica do “tudo ou nada” (gerando os chamados cancelamentos). O psicanalista chamou atenção para a necessidade de nós, adultos, criarmos mais espaços de troca e canais de escuta, incentivando os adolescentes a falarem sobre suas dores e

dificuldades. E, para isso, é preciso saber escutá-los, com atenção e afeto.

Por fim, pudemos ouvir Clarissa Brito, que nos convocou para a construção de uma educação verdadeiramente antirracista, evidenciando mais uma vez que esta é uma luta de todos nós, um desafio irrenunciável daqueles que pretendem educar as próximas gerações para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ressaltou a relevância de uma revisão curricular e do engajamento de todos os agentes educacionais envolvidos na formação dos jovens. A urgência de programas que garantam o ingresso de um maior número de pessoas negras em toda a comunidade escolar: alunos, professores, diretores etc. A audiência presente aplaudiu, mas posicionou-se mostrando que estamos apenas no início bastante modesto desse processo complexo.

A ideia de reunir nesta revista os artigos sobre as palestras é dar a todos e todas a oportunidade de revisitar as ideias que circularam entre nós neste período e estimular aqueles que não puderem estar presentes a assistirem a gravação das apresentações.

Mais fortalecidos, famílias e escolas, vamos agir com mais determinação e eficiência, trazendo as melhores experiências de aprendizagem e desenvolvimento para nossas crianças e jovens, em ambientes saudáveis e instigantes.

Viva a escola!

Escola, lugar de encontro: a importância da convivência para a reconstrução do bem-estar das novas gerações

Bianca Laurino – Editora de Comunicação da Bahema Educação

A escola é, por excelência, um lugar de encontro. Encontro com o outro e encontro consigo. Depois da casa e da família, que são espaços de socialização primária na vida de uma criança, a escola é o grande agente fomentador da convivência, promovendo o contato com o diferente e possibilitando experiências distintas daquelas que geralmente são vividas no âmbito domiciliar.

Na escola, as crianças convivem não somente com outros adultos, diferentes de seus parentes, mas também com outras crianças, diferentes de si próprias. Ao interagir com os pares, elas percebem que o seu modo de notar o mundo não é o único possível: há pessoas que se vestem diferente, que falam diferente, quem tem histórias diferentes, famílias diferentes, religiões diferentes, cabelos diferentes, cores de peles diferentes, hábitos alimentares diferentes... E que, por tudo isso, pensam diferente, o que

abre portas para descobrir o mundo em toda a sua complexidade.

Assim, muito mais do que um ambiente de formação intelectual, a escola desempenha também o papel de formadora social e emocional, onde as crianças experimentam pela primeira vez uma série de sentimentos e emoções. Sentem ciúmes do colega que recebe mais atenção de uma amiga, vergonha de pedir para ir ao banheiro em público e medo de rejeição da turma, por exemplo. Na adolescência, esse processo continua, traduzido e atualizado pelas questões típicas da faixa etária.



Catarina
Carneiro Gonçalves

“Afeto e amizade: o espaço dos conflitos nos relacionamentos interpessoais”



Para nos ajudar a pensar maneiras de lidar com as dificuldades vividas neste momento de volta às atividades presenciais, marcado pelo aumento de casos de ansiedade, pânico, depressão e bullying, a professora e pedagoga Catarina Carneiro Gonçalves enfatizou a importância da escola na construção dos afetos e amizades. Afinal, quando falamos de bem-estar e de desenvolvimento integral, a amizade é um fator que não pode ser esquecido.

Já em 1999, a [Unesco indicou](#) o aprendizado da convivência como um dos quatro pilares fundamentais da educação contemporânea (ao lado de aprender a aprender, a fazer e a ser), além de sugerir-lo como o grande desafio para o século XXI. Isso sem nem imaginar que passaríamos por uma pandemia que deixaria marcas tão profundas para o convívio.

O ser humano não só constitui as relações das quais faz parte, mas também é constituído por elas. Nesse sentido, a escola representa um grande laboratório social para a infância e para a juventude, em que a constituição dos sujeitos acontece ao mesmo tempo no âmbito individual e coletivo. Por ser esse espaço privilegiado de interações, é nele também que acontecem muitos dos conflitos vividos pelas novas gerações.

Catarina argumenta que, como parte intrínseca das relações, os conflitos não podem ser impedidos, nem devem ser apenas evitados. Para as crianças e os jovens, mais importante do que furtar-se do conflito, é aprender a lidar com ele. Ou seja, é preciso levar o outro em consideração, ouvi-lo e ser ouvido, respeitá-lo e ser respeitado, compreendendo que

as discordâncias e os distintos pontos de vista sempre existirão, podendo conviver e coexistir.

Deste modo, aos poucos vão sendo construídos os princípios morais e os valores éticos que guiam a convivência, e que servirão como base para as relações pelo resto da vida. Acontece que, com o início da pandemia e com o necessário fechamento das escolas, os alunos e alunas ficaram, por muito tempo (em alguns casos, quase dois anos; em outros, mais de dois anos), sem esse ambiente único de convivência. Os prejuízos daí decorrentes estão sendo sentidos por todos e todas, das maneiras mais variadas possíveis.

Educadores e educadoras, assim como as próprias famílias, têm relatado um aumento de transtornos psicológicos – muitas vezes seguidos de medicalização –, tanto quanto maior recorrência de episódios de agressividade e de dificuldades dos alunos e alunas em se (re)adaptarem à rotina da escola. Em [recente estudo realizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro \(UFRJ\)](#), citado por Catarina, a falta da convivência escolar é apontada como causa para muitas das consequências emocionais vividas pelos estudantes, como a diminuição da autoconfiança, da autonomia e das capacidades comunicativas.

Se durante muito tempo se falou sobre os desafios que

seriam enfrentados para recuperar as aprendizagens de conteúdos perdidos nesse período, hoje a maior preocupação parece estar em torno da recomposição de um ambiente escolar acolhedor, no qual as crianças e os jovens se sintam seguros e, com isso, capazes de restabelecer melhores condições de saúde mental.

E tudo isso, é claro, não pode ser feito sem a parceria das escolas com as famílias. Até porque, apesar de privilegiado, a escola não é o único lugar de convivência das novas gerações.

Por isso, Catarina nos provoca: que outras oportunidades de interação estamos ajudando os meninos e meninas a ter acesso? Quais são as possibilidades que eles têm, dentro e fora da escola, para manter vínculos afetivos e construir amizades? Em que momentos essas experiências estão sendo mediadas por adultos e em que momentos há abertura para o livre brincar? Quais repertórios estão sendo mobilizados nas brincadeiras?

O quanto o uso de eletrônicos e a presença quase que onipresente da tecnologia online não estão limitando as interações?, indagou também parte do público que assistia à palestra. Ao que Catarina respondeu com uma nova



Profª. Catarina Gonçalves



Centro de Formação da Vila



[Clique aqui para ver a íntegra da palestra](#)

pergunta: nossos filhos e filhas, alunos e alunas estão ficando mais sozinhos porque estão no celular, ou estão no celular porque estão mais sozinhos? No primeiro caso, precisamos mostrar a eles que há mundo para além das telas; já no segundo, é preciso mostrar que há outras companhias possíveis para além das interações do universo virtual. Pensando em como encarar todos esses desafios,

três escolas do grupo Bahema Educação desenvolveram e ampliaram, com a ajuda de Catarina, o Projeto Amizade Responsável -

que em breve deve ser expandido também para outras escolas. O Projeto busca organizar Equipes de Ajuda que contribuam para a boa convivência escolar, encorajando o protagonismo dos próprios adolescentes para refletir e debater, acompanhados de professores e professoras sempre que necessário, sobre temas sensíveis de seus cotidianos, a fim de construir soluções para mediar conflitos e administrar sofrimentos.

A retomada da grande aventura escolar

Bianca Laurino – Editora de Comunicação da Bahema Educação

Nos últimos meses, um dos temas que mais tem preocupado os educadores e educadoras é como tornar o ambiente escolar um espaço ainda mais acolhedor para as crianças e os jovens, uma vez que a volta às atividades presenciais vem sendo marcada por muitos impasses. Não são raras as situações que hoje revelam o recrudescimento do mal-estar entre as novas gerações. Para além do aumento de diagnósticos de ansiedade, pânico e depressão, suicídios e episódios de agressividade assustam as famílias e as escolas.

Afinal, o que pode ser feito para reconstruir o bem-estar? Como contribuir para a melhora da saúde mental de crianças e jovens? Para responder a essas perguntas, no entanto, é preciso antes pensar a respeito das próprias causas do que chamamos de mal-estar. Esta foi a provocação com a qual o professor e psicanalista Rinaldo Voltolini abriu sua palestra sobre o papel da escola nesse contexto.

Sem dúvida, sabemos que esse mal-estar foi causado, em grande medida, por conta da pandemia.



**Rinaldo
Voltolini**

**“A retomada
da grande
aventura escolar”**



O isolamento social e os quase dois anos (em alguns casos, até mais) que os alunos e alunas passaram em casa, por força das circunstâncias, implicaram em grandes mudanças na relação estabelecida entre família e escola. Os familiares foram convocados a exercer uma série de tarefas relacionadas à mediação das atividades escolares propostas diariamente, o que não só alterou as rotinas pessoais, mas também evidenciou que esse papel, antes atribuído aos professores, não pode ser simplesmente transposto às famílias.

Como argumentou Rinaldo, apenas quando pensamos na escola como uma mera agente de aprendizagens (entendimento que vem se consolidando no Brasil nos últimos 30 anos) que podemos acreditar na sua transferência para outro lugar, como o universo domiciliar.

Isso nos mostra que o mal-estar ao qual nos referimos está relacionado, também, à própria compreensão da função social da escola, bem como ao seu funcionamento.

Mesmo depois de superar as dificuldades técnicas, fortemente presentes no início das aulas remotas, a escola a distância mostrou não ser suficientemente capaz de oferecer o que ela sempre

proporcionou. Isto é, para além dos conteúdos curriculares, a escola sempre foi um importante espaço de socialização, em que as crianças e os jovens têm a oportunidade de conviver e aprender a se relacionar (tema da palestra de Catarina Carneiro Gonçalves).

Apesar da dedicação e do tamanho dos professores e professoras e do grande esforço empenhado por muitas famílias, que se desdobraram para conciliar diferentes ocupações em um mesmo ambiente (escola, trabalho, lazer, descanso etc.), ficou claro que as telas não substituem a

presencialidade, nem mesmo com a ajuda dos mais avançados recursos tecnológicos. Estar na escola não se traduz somente em assistir aulas e fazer lições – ou, pelo menos, não deveria.

A etimologia da palavra escola já indica uma de suas principais características: do grego “scholé”, significa ócio, tempo livre de trabalho. Contudo, Rinaldo ressalta que é preciso compreender o ócio não como um desperdício de tempo, mas sim como aquilo que está livre da obrigatoriedade e da necessidade de produção, ou seja, está disponível para a contemplação, a experimentação, o pensamento e a curiosidade.

Quantomaisa escolase aproxima de uma noção produtivista, em que tudo precisa ser convertido em rendimento, mais se perde esse caráter positivo da ociosidade.

Como resultado dessa lógica, antes se pensa em recuperar as aprendizagens perdidas durante o período em que as escolas estiveram fechadas do que em reaver o seu modo de interação, seja com os pares, seja com o próprio conhecimento. De fato, a escola é lugar de aprender, mas essa não é a sua única particularidade. Nela, é possível selecionar um objeto de estudo e contemplá-lo,

de diferentes pontos de vista. Uma simples maçã se torna tema para a física, química, biologia, história, matemática, língua portuguesa etc.

Portanto, quando afirmamos que a escola deve mudar e acompanhar as transformações da sociedade (o que decerto deve acontecer), isso não pode ser feito sem um crivo crítico. O suposto anacronismo por detrás da imagem, hoje muito difundida, que de “nossa escola é do século XIX, o professor do século XX e o aluno do século XXI” nem sempre corresponde à realidade, uma vez que a instituição escolar foi uma das que mais sofreu alterações nos últimos



Centro de Formação da Vila



[Clique aqui para ver a íntegra da palestra](#)

séculos. Podemos destacar aqui, a título de exemplo, sua legislação, seu currículo, sua arquitetura, a formação docente e até mesmo a organização das cadeiras nas salas.

Por isso, é possível indagar como ela reagiu às mudanças sociais e culturais ocorridas e quais foram os resultados desse processo, mas não dizer que é uma instituição parada no tempo. A escola ainda exerce sua função de intermediária entre o mundo privado e público? Ainda consegue oferecer a experiência da diferença, em que os valores particulares, em geral provenientes da família, são confrontados com princípios universais, decorrentes da ética coletiva?

Se, durante muito tempo, a ideia de “criar os filhos para o mundo” embasava o discurso das famílias diante da escola, atualmente elas parecem estar cada vez mais interessadas em “proteger os filhos do mundo”. Essa inversão, segundo Rinaldo, somada à competitividade mercadológica na esfera escolar, colabora para o sofrimento psíquico dos estudantes.

Nesse sentido, a escola não pode perder uma das marcas de sua essência: o lugar de aventuras. Aventuras intelectuais, em que as crianças e os jovens são constantemente provocados a refletir e a construir seus próprios

conhecimentos, sem atender a métricas e disputar entre si; e aventuras emocionais, em que o desafio de lidar com o outro envolve sempre riscos e demanda o desenvolvimento de habilidades para encarar conflitos, parte intrínseca do convívio.

Em outras palavras, Rinaldo nos lembra que a escola não pode deixar de representar um espaço de possibilidades em aberto para todos e todas, seguro para experimentar, testar, errar e acertar. Por mais que escola e família tenham um objetivo comum (a educação compartilhada das novas gerações), seus papéis são distintos e precisam estar bem nítidos, para que não sejam confundidos. Só assim estará assegurada a função da escola para que, então, seja possível torná-la um ambiente acolhedor e que promove bem-estar.

Por que prestar atenção nos corpos das crianças e dos jovens, agora mais do que nunca?

Bianca Laurino – Editora de Comunicação da Bahema Educação

O corpo sempre teve um papel muito importante na escola.

Para além da necessidade de seu desenvolvimento, como parte fundamental do processo de formação integral, observar os movimentos e os gestos é uma maneira privilegiada de compreender o que se passa com os alunos e alunas. A agitação, a desorganização postural, a timidez e a dificuldade de concentração, por exemplo, são indícios valiosos sobre as demandas de cada indivíduo e do grupo como um todo.

No contexto em que nos encontramos, contudo, o corpo se revela um elemento ainda mais significativo para perceber os estudantes e seus atuais desafios. Como mostrou André Trindade, terapeuta especializado na educação corporal de crianças e

jovens, o longo período de reclusão social que vivemos em função da pandemia trouxe inumeráveis consequências emocionais e psíquicas, inevitavelmente relacionadas ao corpo.

Para grande parte das pessoas, ficar em casa significou esquecer o próprio corpo: menos movimentos, menos exercícios, menos possibilidades de interação com o ambiente, menos natureza, menos sol e, por outro lado, muito mais tempo na frente das telas, quase sempre na posição sentada. Se para os adultos essas condições já foram bastante duras, para os mais novos foram implacáveis, uma vez que os estímulos físicos são alguns dos principais vetores do desenvolvimento nesta fase, basilar para a formação humana.

Portanto, neste momento em que escolas e famílias estão precisando de instrumentos

para pensar o bem e o mal-estar das novas gerações, prestar atenção no corpo é indispensável. Segundo André, o tempo vivido em isolamento só ajudou a escancarar algo que sempre existiu: o protagonismo do corpo quando o assunto é infância e adolescência e o quanto o negligenciamos, seja dentro ou fora do ambiente escolar.

As dimensões comportamentais, sociais e culturais da corporalidade são imprescindíveis para lidarmos com a presente preocupação, cada vez maior, sobre o aumento de casos de depressão, ansiedade, pânico, bullying e até mesmo de suicídio nas escolas, amplamente noticiado pela mídia e profundamente conhecido por educadores, educadoras e familiares. Estamos sentindo, agora com mais força, o impacto do que aconteceu nos últimos anos.

Até pouco tempo atrás, em uma turma de mais ou menos 30 estudantes, era comum que 5 estivessem enfrentando algum tipo de dificuldade de desenvolvimento, de aprendizagem ou de sofrimento psíquico. Hoje, parece que esse número se inverteu, passando a ser a regra (não somente entre as crianças e jovens, mas também entre os adultos que estão ao seu redor). A volta do convívio escolar impôs a reorganização de muitas dinâmicas sociais, que ainda estão em construção – tarefa que precisa ser impreterivelmente coletiva.

Para encarar os efeitos desse fenômeno, é necessário notar como eles afetaram e afetam cada faixa etária. Na leitura de André, pode-se dizer que todos tiveram as possibilidades de desenvolvimento diminuídas, porém de modos distintos.



**André
Trindade**

**A linguagem do corpo:
movimentos, agitação e
concentração. Indicadores
do bem e do mal-estar!**



Os recém-nascidos, por exemplo, perderam muitos incentivos aos movimentos de torção, que são importantes não apenas em termos motores, fazendo-os sair de uma mobilidade restrita ao eixo central e verticalizado e ganhar a percepção da lateralidade, mas também de como essa mobilização está vinculada à expansão da capacidade intelectual. Ao torcer o tronco em torno de si mesmo, o bebê passa a prestar atenção no que acontece à sua volta, interage com o meio, encontra-se com o diferente e ganha a capacidade de desenvolver conceitos fora da chave dual e binária do bom/ruim, certo/errado etc., identificando nuances.

Mesmo entre as crianças um pouco mais velhas, os quase dois anos em casa (em alguns casos, até mais) limitaram igualmente esse tipo de movimentação, fazendo com que elas ficassem mais rígidas em seus próprios eixos. Não só pelo tempo passado na cama, no sofá e na cadeira, entre quatro paredes, mas também porque o foco na tela, em especial do celular, restringe o olhar a um ponto único, sem horizonte e visão periférica. Com isso, acentuaram-se as perspectivas individuais e reduziram-se as oportunidades de expandir os sentidos, isto

é, de ver e interagir com o que não está imediatamente à frente.

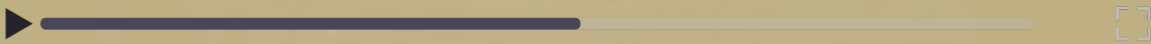
Quando as escolas reabriram novamente, os cuidados estavam voltados, em sua maioria, à recuperação das aprendizagens perdidas nesse meio tempo. Como resgatar os conteúdos atrasados era o grande desafio naquele momento.

Passados alguns meses, percebemos que tão importante quanto as matérias escolares é o foco na recuperação de outros tipos de aprendizagens e experiências (tema da palestra de Rinaldo Voltolini), as quais os alunos e alunas também foram privados.

Como destacou André, é preciso mexer mais os corpos, despertar os sentidos, sair das telas e interagir! Sem tratar do corpo, não será possível melhorar a concentração das crianças, diminuir a ansiedade dos jovens, alargar as relações e aumentar o bem-estar.



andre trindade



Centro de Formação da Vila



[Clique aqui para ver a íntegra da palestra](#)

E lidar com os problemas e dores decorrentes desta falta de cuidado com o corpo é uma tarefa social compartilhada entre famílias e escolas. Os adultos precisam de ferramentas para mediar os conflitos. De escuta e de diálogo, de tempo e de cuidado, mas também de repertório para fazer propostas que incentivem a convivência (reforçando a fala de Catarina Carneiro Gonçalves) e que motivem os corpos ao movimento, provocando interesse sobre a criação de novas e a retomada de velhas possibilidades corporais.

Nesse sentido, André deixa a provocação: será que não temos nem 10 minutos de manhã para espreguiçar o corpo com os nossos filhos e filhas? Será que as escolas não poderiam reservar 15 minutos diários para despertar os sentidos antes de pedir que os alunos e alunas se sentem e prestem atenção? Será que não precisamos de mais momentos para conversar e falar sobre nossas dificuldades? O que pode ser feito para que a rotina permita pequenas inserções e respiros entre lições, tarefas e obrigações?

A construção da identidade na adolescência e os efeitos das redes sociais

Bianca Laurino – Editora de Comunicação da Bahema Educação

Antes de falar qualquer coisa a respeito da adolescência, é importante lembrar que essa fase, da forma como a conhecemos hoje, é uma invenção histórica, produzida no interior da nossa sociedade para indicar o período existente entre as também denominadas infância e vida adulta. Foi assim que o psicanalista e professor Christian Dunker iniciou sua palestra sobre a construção de identidades protagonizada por adolescentes, atualmente marcada por fortes disputas e conflitos nas redes sociais.

Historicamente, no mesmo momento em que a escola se efetiva como uma das mais sólidas instituições ocidentais, a adolescência se estabelece como categoria, indicando uma etapa de intensas mudanças. Mudanças essas representadas por rituais de passagem que, se no passado já tiveram traços mais coletivos, na modernidade ocidental ganharam caráter individual. Isso significa que cada adolescente precisa descobrir e construir seu próprio

rito de mudança de status, ou seja, de encerramento da infância e início da adultez – o que sempre envolve, em algum nível, uma crise provocada pela separação da mãe, do pai e/ou de demais responsáveis. Crise esperada e desejada, mas nem por isso menos dolorosa para ambas as partes.

Para alguns jovens, viver esse processo pode ser incrível; para outros, muito dolorido. Do mesmo modo, para uns, o rito pode ser simbolizado pela entrada em um time de futebol, enquanto, para outros, por uma viagem, um beijo, uma nova amizade ou pela mudança drástica de visual. Geralmente, passar por isso gera uma série de emoções, como o medo, o luto e as inseguranças. No entanto, essa individualização dos rituais faz com que, muitas vezes, seja difícil para a escola e até mesmo para as famílias discernir o marco de cada indivíduo, o que por consequência torna mais difícil a identificação de problemas, sofrimentos e possíveis ajudas que podem ser oferecidas.

Um dos aspectos mais significativos desse ciclo é a transformação da imagem. De si, do outro, do grupo e



**Christian
Dunker**

**“Imagem e identidade:
os cancelamentos
nas redes sociais e a
identidade de grupo
na adolescência”**



do mundo como um todo. Como nos explica Christian, uma identidade é composta por múltiplos reconhecimentos, cruzados e ambivalentes, que podem se dar por meio da semelhança ou da diferença. É na adolescência, portanto, que as identidades criadas até então são revisadas e inicia-se a procura por novas identificações.







Segundo o psicanalista, todo ato de reconhecimento se dá a partir de uma imagem, em que o objeto imaginado caracteriza aquilo que se pretende materializar na identidade (“isto sou eu”). Essa idealização, proveniente do desejo, tem base em buscas muito distintas por parte de cada sujeito, que já sabendo o que é comum aos outros, busca o diferente. Daí nasce a dificuldade em definir a adolescência: a tentativa de sua definição vai na contramão daquilo que justamente resume os esforços empenhados pelos jovens

nesse momento, isto é, diferenciar-se e ser reconhecido por isso.

Sendo assim, quando os adolescentes encontram obstáculos para identificar as imagens com as quais eles se reconhecem e acreditam que os definem, geram-se muitas angústias. Logo, um dos sentimentos mais típicos dessa fase é a incompreensão (“só eu estou vivendo isso; todos encontraram as suas imagens, menos eu”), que por sua vez leva à sensação de frustração e de exclusão (“eu não tenho mesmo um lugar neste mundo”).

O perigo de que essa inclinação ao afastamento não seja percebida pelos adultos é que os adolescentes busquem e, principalmente, encontrem conforto em certos



 Centro de Formação da Vila     

Clique aqui para ver a íntegra da palestra

prazeres, riscos e dores, inclusive físicas (que nessas circunstâncias parecem mais reais do que muitas das imagens procuradas). Em um contexto em que as redes sociais predominam as formas de interação contemporâneas e, mais ainda, que a pandemia impôs dois anos de isolamento social, tudo isso se tornou ainda mais complexo.

A internet, conhecendo este processo incessante de busca, oferece e vende, em escala industrial, imagens possíveis de serem compradas pelos adolescentes, em um só clique. Para além do efeito da infinitização de imagens, somada à idealização sem precedentes das identidades, existem também os mecanismos que permitem a

multiplicação do eu e, ao mesmo tempo, a ocultação da autoimagem. Hoje, talvez os mais discutidos sejam os filtros, que ofertam uma gama de transformações nos corpos, permitindo que os jovens se encaixem em padrões de beleza. Mas existem também as estratégias de manipulação das identidades, como avatares, perfis fakes, nicknames inventados e comunicações anônimas.

Em suma, o degrau geracional produzido pelo universo digital criou o que Christian chama de mutação estrutural da linguagem, agravante do sentimento de solidão na adolescência. Suas técnicas colocam os jovens em contato com um número infinito de imagens e

pessoas passíveis de idealização, que nem sempre são reais. Essa gramática proporciona muitas decepções, atreladas também aos riscos da exposição e do cancelamento.

Com isso, parece haver cada vez mais espaço para a exibição do que é dito público, e cada vez menos para o que é privado; mais espaço para o que é comum, e menos para o que é diverso (quando é justamente isso que os jovens procuram nesta fase). Sem as referências de amigos e amigas na escola, de colegas um pouco mais velhos com as suas identidades e corpos, a busca por imagens na internet foi ainda mais acentuada com a pandemia.

Temos, então, jovens cada vez mais hábeis para criar (e copiar) imagens virtuais de si mesmos. Paralelamente, eles têm cada vez menos oportunidades de encontro e de troca, quando, em geral, a chance de se expressar e escutar uns aos outros faz com que eles se dêem conta de que seus pares sofrem das mesmas questões que si. À medida que os adolescentes percebem de qual grupo de “excluídos” fazem parte, e qual é a imagem compartilhada entre esse grupo, a crise e a angústia se solucionam.

Parece, porém, que como sociedade estamos caminhando no sentido contrário desse fluxo. Cabe à convivência e à interação (peças fundamentais da escola, como mostrou Catarina Carneiro Gonçalves) servirem como antídotos para esse movimento. É quando o sujeito se expõe ao outro e percebe que esse o olha de maneira diferente do que ele imaginava que as identidades se modificam, em uma espécie de instabilidade produtiva. Precisamos incentivar que os jovens falem sobre suas dores e dificuldades enfrentadas nesse processo, para que assim aprendam a encará-las – e, para isso, é preciso também saber escutá-los, verdadeiramente e com tempo.

Caso contrário, as exclusões, o bullying, a ansiedade, o pânico e a depressão que nos preocupam agora, em especial depois da volta das atividades presenciais, continuarão se agravando entre as novas gerações. Aos educadores e educadoras, compete fazer isso na escola, criando espaços intencionais de escuta, troca e acolhimento, tendo inclusive outros jovens como parceiros. Aos pais, mães e familiares, compete fazer isso em casa, não só priorizando as conversas, mas também servindo como referência para o enfrentamento dos desafios e frustrações do cotidiano.

Entre o remendar e o tecer: escola e famílias juntas por uma educação antirracista

Bianca Laurino – Editora de Comunicação da Bahema Educação

Dia 25 de maio de 2020 ficou marcado para sempre na história como o dia do assassinato brutal de George Floyd, homem negro morto por asfixia nas mãos (e sob os joelhos) de um policial branco, em Minneapolis, Estados Unidos. “Não consigo respirar”, frase repetida por ele diversas vezes antes de morrer, virou símbolo de resistência da luta antirracista em todo o mundo. O episódio despertou o debate público, que de lá para cá passou a colocar na agenda do dia a necessidade de enfrentar o racismo de modo mais contundente.

Além dos protestos de rua em diferentes países, os noticiários, jornais e redes sociais foram tomados pelo assunto, que acabou servindo como propulsão para a discussão das várias dimensões da desigualdade racial, que histórica e estruturalmente estão na base de nossa sociedade. Nas escolas, não foi diferente: muitos alunos e alunas, de diferentes idades, reivindicaram espaço na rotina escolar para discutir o

assunto. Naquele momento, ainda no início da pandemia, a saída foi organizar atividades online. Como resultado, formaram-se coletivos e comitês antirracistas, envolvendo estudantes, educadores e famílias.

No entanto, é importante lembrar que a luta antirracista não nasceu em 2020. Muito pelo contrário, se hoje já não há como não falar dela, é porque os movimentos negros têm uma longa trajetória de resistência que, assim como a história do racismo, precisa ser conhecida. E a escola, como o primeiro ambiente de socialização das crianças, desempenha um papel fundamental nesse processo.

Clarissa Brito, psicopedagoga da Escola Parque, destacou em sua palestra uma série de posturas necessárias de serem tomadas pelas escolas e famílias para a construção de uma cultura antirracista, sem a qual não há educação verdadeiramente transformadora. Sonhar com um futuro melhor pressupõe agir no presente, com a urgência que o tema exige.

Como bem pontuou Clarissa, além da escola ser a instituição em que passamos mais tempo de nossas vidas, é nela que vivemos grande parte das experiências que contribuem para a formação de nossos valores éticos e morais. Se queremos que as novas gerações cresçam em uma sociedade outra, com melhores

condições e oportunidades para todos, é preciso que estejamos comprometidos com uma nova maneira de estar no mundo e de construir relações.

Remendar o presente e tecer um outro futuro são, então, acordos éticos que necessitam ser feitos entre família e escola quando se trata do processo de desenvolvimento de um ser humano, não só em termos intelectuais, mas também sociais, culturais, emocionais etc. E, para isso, é preciso desconstruir e reconstruir muitos dos pressupostos que sustentam a escola e que, como parte constitutiva da sociedade, durante muito tempo tiveram o objetivo de perpetuar e aprofundar o racismo, inclusive o científico.



Clarissa Brito

“Entre o remendar e o tecer: escola e famílias juntas por uma educação antirracista”



Nesse sentido, é impossível não lembrar que em 2023 a [Lei nº 10.639](#) completará 20 anos e, ainda assim, não é devidamente conhecida e colocada em prática pelos educadores e educadoras. Atualizada em 2008 pela [Lei nº 11.645](#), ela torna obrigatório o ensino da História e da Cultura africana, afro-brasileira e indígena no Brasil. No entanto, em geral o que vemos são iniciativas curriculares tímidas, pontuais e insuficientes para de fato pensar e abrir espaço aos corpos e às histórias negras dentro das escolas.

Ou seja, é preciso que haja intencionalidade na construção de novas práticas e dinâmicas escolares que contraponham-se à sua própria tradição, até o presente responsável pela reprodução do racismo. Nas palavras de Clarissa, isso representa “remar contra a maré”; estar sempre comprometido com o acordo vigilante e o desejo incessante de forjar novas narrativas sobre o povo negro – que, diga-se de passagem, forma [a maioria da população brasileira, de acordo com o IBGE \(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística\)](#).

Realizar este pacto significa, por sua vez, não apenas combater o racismo, mas também agir na prevenção de

sua mentalidade. Quanto mais e mais cedo os estudantes tiverem acesso a diferentes referências étnico-raciais, que evidenciem nossa afro-brasilidade, que ressignifiquem o olhar sobre África e que os ajudem a repensar a forma como encaramos a representatividade, mais eles poderão romper silêncios e redesenhar suas experiências escolares, com base na cultura antirracista.

É importante ressaltar que isso, sem dúvida, beneficia as crianças e jovens negros, que ganham a chance de conhecer melhor a própria história e desenvolver auto-estima, curando fissuras subjetivas e permitindo novas trocas afetivas, mas também é extremamente positivo para as crianças e jovens brancos, que têm a possibilidade de crescer em uma ambiente mais diverso, cujo os ganhos são amplamente conhecidos do ponto de vista pedagógico. Conviver com a diversidade, desde sempre, é essencial para a formação de humanos mais empáticos, respeitosos, curiosos e criativos. Isto é, contribui para o bem-estar de todos e todas.

Para tanto, não basta somente adotar um livro que tenha um ou outro personagem preto, nem tampouco ensinar a história

da escravidão no Brasil. Uma educação antirracista efetiva demanda a criação de estratégias didáticas que propositalmente revertam a estigmatização dos negros e negras na sociedade, não apenas na literatura e nas artes, mas também na matemática, na química, na física, nos esportes, na língua inglesa e por aí vai.

Assim Clarissa convida a todos nós, escolas e famílias, a comprometer-se com o manifesto proposto por Sueli Carneiro: “não em meu nome!”. Não é mais possível consentir com os mecanismos que fazem hoje do nosso país um dos mais violentos para a população negra. Cada sujeito, de seu próprio lugar na sociedade, deve compreender seu papel na luta antirracista, independente da cor da pele. Não há receita para que isso dê certo, apenas uma exigência: agir com urgência.

Demanda, igualmente, repensar a escola em todas as suas dimensões: do currículo, dos ambientes, do corpo docente, dos funcionários administrativos, das campanhas publicitárias...



Centro de Formação da Vila



[**Clique aqui para ver a íntegra da palestra**](#)